

**Enlaces políticos e estéticos: escrever com e entre mulheres<sup>1</sup>****Political and aesthetic links: writing with and between women****Luciéle Bernardi de Souza**

**RESUMO:** A literatura brasileira em coautoria, realizada em meio a pandemia de COVID-19 e por mulheres, testemunha a escrita enquanto compartilhamento da vida e da palavra, discurso que é experiência. Na coautoria, a palavra partiria de um corpo político que se quer junto e vivo, mesmo à distância e sob o signo da crise, da morte e do fascismo bolsonarista. Calcando-nos no aspecto coletivo intrínseco aos movimentos sociais, nossa hipótese é a de que a escrita coautoral configuraria uma prática política que problematizaria e tensionaria a noção de autoria moderna por evidenciar o encontro e a amizade. Tal prática rejeitaria o mito da autoria individual como única possível no campo literário ao explicitar um modo conjunto de criar e se aproximar de um “programa vazio” tal qual o presente na amizade. Entendendo a escrita como ação potencialmente transformadora e criadora do mundo e das relações, concluímos que ela possibilita o descentramento do autor ocidental, autoridade patriarcal, e traz consigo modos de vida baseados em um prazer mútuo.

**Palavras-chave:** Coautoria. Literatura de mulheres. Amizade.

**ABSTRACT:** Brazilian co-authored literature, produced amid the COVID-19 pandemic and by women, testifies to writing as a sharing of life and words, a discourse that is experience. In co-authorship, the word would come from a political body that wants to be together and alive, even at a distance and under the sign of crisis, death, and Bolsonaro's fascism. Based on the collective aspect intrinsic to social movements, our hypothesis is that co-authored writing would configure a political practice that would problematize and tension the notion of modern authorship by highlighting encounter and friendship. Such a practice would reject the myth of individual authorship as the only possible form of authorship in the literary field by making explicit a joint way of creating and would approach an “empty program” such as that present in friendship. Understanding writing as a potentially transformative and creative action of the world and relationships, we conclude that it enables the decentering of the Western author, patriarchal authority, and brings with it ways of life based on mutual pleasure.

**Keywords:** Co-authorship. Women's literature. Friendship.

*Pois a amizade é antes de tudo festa da palavra e descoberta dos recursos da língua.*  
(Anne Vincent-Buffault, 1996, p.202)

## Introdução

Sarah Ahmed em *Viver uma vida feminista* (2018) “define” feminismo (ciente dos muitos feminismos possíveis e impossíveis) como “o dinamismo de criar conexões” (2018, p.11), a ação de mobilizar pessoas em torno de um tema para realizar uma discussão. Define-o também como um modo de vida, pois “relacionado a como viver, a um modo de pensar como viver” (2018, p.09), longe do policiamento moral que inculcaram a isso. O feminismo, assim como a amizade, acontece na experiência, quando nos movimentamos também juntas, mas preservando nossa individualidade, a distância

<sup>1</sup> Dedico esse trabalho às amigas-inspirações.

necessária no modo como escrevemos e/ou experenciamos nossas relações, pois, “Viver uma vida feminista é viver em muito *boa companhia*” (Ahmed, 2018, p.34, grifo nosso), sejam tais companhias os livros ou as pessoas.

Este trabalho firma-se na companhia que Ahmed localiza como parte de um *modo de viver/ de vida* (Ahmed, 2018; Foucault, 1981), na experiência que é *conviver* no espaço literário por meio da coautoria. Tentaremos mostrar que a prática coautoral, por ser aberta, múltipla, como qualquer relação (a dois, três ...) que prima pela liberdade de ser (em seus tensionamentos e acordos), é instável e negaria o centralismo autoral típico e moldado pela modernidade, centrada em “um autor” (palavra difícil, ainda hoje, de ser admitida por mulheres que escrevem). Assim, escrever *com* elas (outras) abriria a possibilidades de vida em construção, processos de constituição de si com a outra, na relação que, por ser com, mas principalmente *entre* enquanto experiência de constituição intersubjetiva, relega ao livro a conotação de *espaço público* para a manifestação dos corpos por meio da voz na palavra. Apostamos em relações que conformam nossa subjetividade na intersubjetividade, na possibilidade do descentramento, bem como uma construção ética conjunta assentada no prazer mútuo de conviver dividindo o espaço público da publicação literária.

Aqui, mencionaremos alguns livros realizados e/ou publicadas em coautoria, assinado por duas ou mais escritoras, em momentos de crise<sup>2</sup>, mas nos deteremos rapidamente no comentário geral e da leitura das primeiras páginas de um deles. *desde o meio de uma língua* (2021) é um livro híbrido, misto de imagem e palavra, troca de cartas em prosa poética, criado por Patrícia Galelli e Daniela Avelar. Para além de um diálogo sem fim, no qual a destinatária, para além das próprias escritoras (em suas performances autorais –ficcionalis), também sou eu e você, ele mobilizaria a amizade prévia e em experiencião no livro, que traz a criação e recriação constante e concomitante da relação e do texto: do mundo.

A *coautoria* quando toca a *amizade* pode ser ainda mais potente na fuga de centramentos e padrões institucionalizados/engessados, tais conceitos (que vão além de conceitos, pois experiências) serão revisitados ao longo deste texto. Passaremos, então, a um comentário sobre o mencionado livro, que faz parte do *corpus* de minha tese, onde dedico-me a estudar (com mais tempo e densidade) a coautoria enquanto ação criativa

<sup>2</sup> Relacionada aqui à Covid-19, mas já adiantando que a estendemos para uma crise constante quando, ao performar como mulheres, corremos risco de morte constante.

de liberdade relacional: seu apagamento e suas possibilidades na literatura brasileira contemporânea.<sup>3</sup>.

### Amizade e coautoria: aproximações

Ainda em prólogo para o mapeamento conceitual, lembramos que, de acordo com Ahamed, basta juntar suas amigas: aí começa uma vida feminista. Ahmed está atenta a *como* e com *quem* vamos, em caminho marcado pela possibilidade. Este estar com ocorre considerando que o *exercício de si mesmo* que é ético perante a vida, no feminismo, assim como na amizade, não anularia o individual. Na evidência do *entre*, este seria o lugar da possibilidade de produção de subjetividade, e mais do que isso, de uma intersubjetividade que se apresenta em corpo, palavra, comunicação, mas também silêncio, ruído, desentendimento e afeto, enfim, *experiência*.

A experiência da coautoria, tanto quanto a da amizade, são criações de espaços intersticiais ligados aos processos intersubjetivos, aqui entre mulheres, e possibilidades de constituir a si e a outra longe das amarras institucionais já delimitadas. É assim que Ortega (1999) irá pensar a amizade em Foucault a partir das entrevistas realizadas na fase final da vida do pensador, sobretudo na entrevista *Da amizade como modo de vida* (Foucault, 1981). Para Foucault, a *experiência* é “qualquer coisa da qual se sai transformado” e “alguma coisa que fazemos inteiramente sós, mas só podemos fazê-la, na medida em que escapara à pura subjetividade, e que outros poderão, não digo retomá-la exatamente mas ao menos, cruzá-la e atravessá-la de novo” (Foucault, 2010, p.295). Ou seja, a amizade e a coautoria enquanto processos individuais de narração de si que acontece com a outra, que não podem acontecer senão no intersubjetivo, acontecem *entre*, assim como bem apontou bell hooks em sua triologia sobre o amor: como uma prática, um conceito, uma experiência transgressiva e transformadora.

Hooks, ao falar de amor, lembra que devemos falar (ainda e muito) também sobre a amizade, sobretudo para além da família e das metáforas de irmandade que condicionam a reflexão (Ortega, 2002). Não é difícil de lembrarmos que, mesmo dentro

<sup>3</sup> Ante tudo isso, para não cair em romantizações (que tanto evitamos), lembramos que, sobretudo no campo das artes visuais, onde estão localizados a maior parte destes exemplos colaborativos, nem sempre escrever *com* foi sinônimo de igualdade, potência democrática e libertadora, especialmente quando nos referimos às relações mistas, entre homens e mulheres artistas/escritores/as, cito algumas relações: Julia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida, Sidonie-Gabrielle e Henry Gauthier Villars, Picasso e Dora Maar, Jackson Pollock e Lee Krasner, Auguste Rodin e Camille Claudel, Ana Mendieta e Carl Andre, Margaret Keane e Walter Keane.

dos debates feministas há menções à “sororidade” e “irmãdade”, o que já foi problematizado por ter como origem um modelo de família tradicional, o amor romântico enquanto monopólio afetivo, logo desigual, excludente e opressor. Tais termos, ao serem usados, minimizam outras formas de existência para além desta instituição, ou o rastro do que ela deixa em sua continuação familiarista se estende aos mecanismos de Estado (Arendt, 1995). Ortega nos lembra que, “Intensificando nossas redes de amizade, podemos reinventar o político” (2002, p.162), talvez esse seja o medo, como aponta Franco Berardi (2020)<sup>4</sup> ao indicar que o capitalismo financeiro necessita do fim da amizade, dos afetos e da solidariedade para continuar existindo, é no fim delas que ele se sustenta. Este texto reivindica o olhar para a amizade, coloca-a em evidência “pela alternativa que ela representa a formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas” (Ortega, 1999, p.157). Ainda no mesmo sentido de hooks, poderemos reivindicar o amor quando repensarmos o que a sociedade requer da família enquanto instituição, o que entendemos como família e parentesco (que é onde parecem relegar o lugar às mulheres) seja em sua decadência e absorção por modelos familiares (ainda patriarcais) no Estado e que limitam outras formas de relação, ou seja, outros modos de vida que são “meios”, como uma língua ao meio, duas línguas, portanto, criando uma outra língua.

Ambas as experiências, a coautoria e a amizade, sobretudo as amizades quando conformadas por e entre mulheres, quando não desacreditadas em sua possibilidade de existência, ou foram romantizadas, instrumentalizadas e patologizadas, ou, por fim, foram excluídas sistematicamente dos discursos: sociológicos, psicológicos, historiográficos-literários. Ambas são calcadas na experiência da palavra trocada e compartilhada entre mulheres, em livros que datam a (escrita/publicação) pandemia de Covid-19. Pensamos tal movimento que entende o discurso como ato político na escrita, mas também no diálogo e preservação de distâncias que conformam a amizade (em desenvolvimento e/ou prévia) neste processo. Assim como um modo de vida feminista, a amizade “se exerce, ela ocupa, á atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto si mesmo quanto o entre-si” (1996, p.9), como afirmaria a historiadora, uma das poucas pesquisadoras a estudar as práticas da amizade no gênero epistolar, Anne Vincent-Buffault.

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2020/12/28/intervista-o-capitalismo-ainda-esta-no-poder-mas-esta-mor-to-diz-franco-berardi/> Acesso em 16 jul. 2024.

Este entre-si nos lembra o *ethos* do cuidado de si, base para pensarmos a amizade em Foucault, nossa principal referência aqui, no desdobramento da leitura de Ortega, que não nos limita, mas fornece subsídios para apostar na relação entre amizade e coautoria por meio de uma prática, de um *ethos*. Para Foucault, o *ethos* é “Aquilo que implica uma relação com os outros, já que *cuidado de si* permite ocupar um lugar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente- seja para exercer a magistratura ou para manter relações de amizade” (Foucault, 2006b, p.279). Ou seja, a experiência de escrita do livro em coautoria, enquanto dimensão pública, é entendida enquanto uma experiência de amizade (digam isso ou não autores/as que escreveram).

Lembremos que Foucault parte da amizade entre homossexuais, definindo-a *sem* limitá-la, relacionando-a a um prazer mútuo entre pessoas e a possibilidade de um *programa vazio*, no sentido de modos de vida abertos, ainda por criar, em movimento. Nas palavras do autor, sua única “definição”, correlacionando experiência e prática no presente, é a seguinte: “Terão que inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer” (1981, n.p)<sup>5</sup>. Em paralelo, a criação literária envolve o desejo mútuo de estar junto, criar junto, preservando o espaço do eu na relação com o mundo e o outro. Arte e desejo se aproximam na diferença, na distância e na proximidade, na alteridade, no dissenso, no ponto de vista alheio. Assim, nos distanciamos do romântico e clássico discurso da amizade, amizade permissiva, de concordância, narcisística de encontrar o outro em si e vice-versa, fortalecimento de uma identidade<sup>6</sup>, como já indicou Derrida, negando a amizade como um sonho narcísico (Derrida, 1997). De acordo com Ortega, “(...) no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para nos transformarmos” (2000, p.80).

Dada noção da amizade que seguimos aqui, o espaço dela entre mulheres aparece, para Marilda Aparecida Ionta, no artigo “As mulheres e o discurso da amizade”, “como um campo interditado às mulheres, pois, de acordo com o credo dominante sobre o tema, elas não dão conta de estabelecer laços sólidos e verdadeiros entre si” (Ionta,

<sup>5</sup> Disponível <https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf> Acesso em 16 jul. 2024.

<sup>6</sup> “No amigo, não devemos reconhecer-nos para fortalecer a nossa identidade. A relação de amizade poderia desenvolver uma sensibilidade para as diferenças de opinião e de gostos. Somente essa distância, esse agonismo, essa disposição a nos deixarmos questionar em nossas crenças e ideais, através do relacionamento com o amigo, constitui a base para uma amizade para além da reciprocidade, do parentesco, da incorporação do outro” (Ortega, 2000, p. 79).

2006, n.p). Para a historiadora, por tempos foi negada esta capacidade de relação entre as mulheres, relegada exclusivamente aos homens por filósofos como Platão, Montaigne, Aristóteles e Kant, por exemplo. As mulheres foram consideradas ineptas a realização da amizade, suspeitas, o que tem relação com a virilidade masculina, à camaradagem intrínseca ao público, típica das sociedades falogocêntricas, que explicita que elas “são incapazes do sentimento amistoso, pois elas só pensam em amor” (Ionta, 2006, n.p). Contrapondo essa exclusão, a professora também afirma que “foram as próprias mulheres que demonstraram, particularmente, sua capacidade para a amizade” (Ionta, 2006, n.p).

Não são poucas as estudiosas que pensarão relações convivais entre mulheres, e que tangem à amizade. Por um viés historiográfico, citamos Lilian Faderman, Michelle Perrot, Carroll Smith-Rosenberg e a já citada Anne Buffault, muitas vezes entendendo tais relações como uma subcultura de resistência, que foi mais ou menos permitida quando conveniente ao sistema patriarcal (como as relações amorosas). A partir da modernidade, se ultrapassou o âmbito privado das relações amorosas e de amizade, e disseminou-se em vários modos de apropriação do espaço público, via escrita ou trabalho, apesar dos constantes comentários não lisonjeiros, apesar dos esforços dos estudos sobre a história das mulheres (Vincent-Buffault, 1996).

Com relação a esta apreciação pejorativa, lembremo-nos que, mesmo no âmbito do privado, da casa, do particular, ou na prática do gênero epistolar, foram e continuam, muitas vezes, ligadas às relações superficiais, como afirma Silvia Federici ao historicizar o termo “gossip”. Termo que fazia referência à amiga próxima, logo transformou-se em um termo que significava “conversa fútil, maledicente” que prejudicou a sociabilidade feminina (Federici, 2019, p.3). Aqui, a importância da linguagem na constituição do mundo e das relações se torna ainda mais evidente. Para além da suspeita de concretização verdadeira, da rivalidade feminina e da afirmação das relações superficiais, ainda comuns, mas já bastante desmistificadas, práticas de amizade relacionadas não apenas ao âmbito privado e às trocas de cartas, nos encaminhamos, novamente, para a dimensão pública. Não são poucas as experiências coletivas<sup>7</sup> feitas por mulheres no campo que trazem a palavra (escrita ou oral) como ponte e meio para habitar o espaço público e particular (entendido como subjetivo, que diz respeito a um

---

<sup>7</sup> Coletivos de arte e/ou processos coletivos.

eu), concomitantemente. Não precisamos voltar aos Salões Ingleses<sup>8</sup> do século XIX, muitos gestados por mulheres e/ou por relações mistas, para exemplificar como tais redes são potentes. Ao lembrar onde estamos, exemplos de encontros que envolvem afeto e luta não nos faltam. Cito, apenas para ilustrar, os Slams (das Minas, das Pretas...), o Leia Mulheres, descentrado em mais de 100 cidades brasileiras, as inúmeras editoras, os grupos escrita, o trabalho “Corpos indóceis e mentes livres”, gestado pela professora Denise Carrascosa, em penitenciárias femininas da Bahia, as inúmeras oficinas e infindáveis grupos artísticos que vão do teatro ao grafitti, incluindo o cinema com a plataforma Katahirine (Rede audiovisual de mulheres indígenas) em busca de um espaço artístico-literário democrático.

No campo literário<sup>9</sup>, onde a palavra constitui a experiência de atravessamento, a *coautoria*, especificamente de livros assinados por uma ou mais mulheres, parece explicitar ainda mais o aberto, o contingente, o efêmero e o estranho, próprio da exterioridade de uma vida (Ortega, 2004), próprio do fazer com e entre, descentrado da autoria ocidental, centrada em um “autor” no singular, masculino. Aqui, o uso desse termo objetiva a manutenção da *autoria* para alargá-la em suas possibilidades, questionando, inclusive, a função autor (Foucault, 1969; 1970) que seria desestabilizada ao considerar apenas a autoria no *singular*<sup>10</sup>: há um autor, uma função, conformada por vários discursos, mas ainda o “uno”. Porém, com ou sem o uso do termo “coautoria”, há trabalhos importantes que salientam a produção poética brasileira coletiva, colaborativa, no século XXI, como aponta Luciana Di Leone<sup>11</sup>, pensando-as como “apuestas políticas y estéticas que merecen ser estudiadas y visibilizadas, los modos de producir poesía de tres iniciativas de mujeres” (2020, p.87), referindo-se especificamente ao coletivo Abrasabarpa, ao coletivo de escrita Mulheres que escrevem e ao Slam das Minas.

Aproximamos, portanto, a amizade e a criação coautoral enquanto *programas vazios* (Foucault, 1981), por reivindicarem possibilidades, buscando fazer uma leitura do livro como prática social, lugar (e não apenas objeto) de alteridade e produção de

<sup>8</sup> Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/11325> Acesso em 16 jul. 2024.

<sup>9</sup> Especificamente, são inúmeras as pesquisadoras que trilharam o espaço para que não apenas fossem invisibilizadas, constassem em lista e manuais, mas também fossem lidas. Cito, apenas para ilustrar, a lista de “ensaistas” (lembremos que o ensaio foi ferramenta para o pensamento livre e por isso o preferido por muitas estudiosas) realizada por Heloisa Teixeira.

<sup>10</sup> Saliento que quando o reivindicamos, enquanto “sou autora”, não deixamos de compreender a escrita como atravessada sempre por outras, por influências, pela vida, rede intertextual infinita de vozes, como Barthes já bem apontou.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=779837> Acesso em 16 jul. 2024.

subjetividade, acontecimento estético e político, alternativa à individualidade na autoria moderna e no centralismo narcísico neoliberal. Dispostas ao imprevisível da criação *entre* em um país desgovernado por um genocida, cito outras criações escritas/publicadas durante este período<sup>12</sup> para além do livro que comentaremos: *Quantas Festas*, de Christine Gryscheck e Juliana Maffeis (2021); *A catástrofe Violeta* (2022), de Malu Bastos & Pamela Zacharias; *Fresta* (2021), de Daisy Justus, Gilda Lima, Márcia Clayton, Margarida Corção; e *Fio de corte* (2022)<sup>13</sup> escrito a seis mãos, por Angela Brandão, Ilana Eleá e Lucelena Ferreira.

### Começo ouvir uma conversa *entre* amigas no espaço público: o livro

*Desde o meio de uma língua* (2021) foi escrito por Patrícia Galelli e Daniela Avelar. Salientamos que não nos valeremos aqui de suas biografias (o centramento em um eu tal qual o autoral entendido no campo literário) mesmo que conformem a uma *encontrografia*<sup>14</sup>, que está plasmada no livro como narrativa da palavra-experiência, mas também em entrevistas, que evidenciam a experiência de escrita a quatro mãos, projeto comum de estar *com*. Faremos, portanto, uso de relatos para além do livro, que já é vazado em espaço-tempo por sua constituição e ramificação leitora<sup>15</sup>. Com um projeto gráfico impecável de Gabi Bresola, editado pela pequena Editora Editora, na capa-espelho, vejo-as ao tanto que me vejo misturada ao título e aos seus nomes, juntas, mas separados por uma pequena distância, discretos, no canto direito da capa: nos encontramos, nos misturamos à medida que não deixamos de ser únicas na relação. Aqui, o duplo, tão presente no livro enquanto tema e signo, pois projeto comum, se faz presente, *meio*: da língua, das conversas, dos tempos, das temperaturas, da vida. Em uma espécie de troca epistolar contemporânea (por e-mail), com descompromisso pelo modo

<sup>12</sup> Provavelmente haja outras mais, mas temos uma dupla inviabilização, relacionada à coautoria e à escrita por mulheres.

<sup>13</sup> Sobre este livro, a quatro mãos, pensamos sobre a possibilidade do eu lírico expandir-se em nós, não apagando relações, mas evidenciando uma soma na diferença. Disponível em:  
<https://revistas.uneb.br/index.php/tabcdeletras/article/view/18923> Acesso em 16 de jul. 2014.

<sup>14</sup> Termo que propomos na tese, contornando o biografismo, tão polêmico na Teoria da Literatura ocidental.

<sup>15</sup> Lu Tiscoski, Iibriela Bianca Berlanda Sevilla continuam a escrita do livro respondendo no mesmo formato, uma conversa sem fim. Disponível em:  
<https://www.incomunidade.pt/desde-o-meio-de-outras-linguas-uma-conversa-a-partir-de-desde-o-meio-de-uma-lingua-de-daniela-avelar-e-patricia-galelli-lu-tiscoski-ibriela-bianca-berlanda-sevilla/> Acesso em 17 jul. 2024.

clássico da correspondência “data, vocativo e assinatura”, elas respondem-se, silenciam, aguardam (modo de ser típico da distância) e exercitam-se em memória, escrita ficcional, ausências e presenças.

De acordo com a apresentação da Editora Editora<sup>16</sup>, há a seguinte nota explicativa/resenha informativa, algo bem comum em livros publicados em coautoria, entendendo que há de justificar o porquê da dupla assinatura no âmbito que tangencia o ficcional:

Entre outubro e novembro de 2019, Daniela Avelar esteve na Finlândia, passando pela Rússia. Durante o mês de novembro, Patrícia Galelli ficou na casa de Daniela, no bairro da Pompeia, em São Paulo. Elas se reencontraram em janeiro de 2020, em Florianópolis. A partir desses deslocamentos e das experiências que viveram, iniciaram uma troca de e-mails para compartilhar observações, sensações e situações. Essa prática de escrita poderia se relacionar à presença histórica do gênero epistolar, mas se expande na medida em que se insere no espaço literário para compor não apenas uma narrativa de si, intimista, mas elaborações ficcionais.<sup>17</sup>

Nos aproximamos para ouvir este livro-diálogo, como Avelar chama esse objeto criado do amor comum “pela linguagem e literatura”. Ele era um projeto já era esperado, pois ela afirma “Talvez já desconfiássemos”<sup>18</sup> que o amor produziria isso, a amizade também: experiência dupla fruto de deslocamentos e distâncias, entre 2019 e 2020, em lugares, horários e temperaturas diferentes em tempo de dialogar poeticamente, trazer o si, a palavra, o tempo, o espaço, e, sobretudo, sobre a outra. Os lugares, ao final do livro, são marcados: Florianópolis, Haukijarvi, Helsinski, Londres, Moscou, São José dos Campos, São Paulo, São Petesburgo, indicados por coordenadas que se cruzam e estão e onde mais a memória esteve sempre que há uma imagem: lugar sem fim, alguma geografia”. Horário de escrita e temperatura estão presentes a cada vez que muda a voz que enuncia, pois ambas as escritoras escolhem usar tal rastro rarefeito de autoria, para além dos já comentadas assinaturas na capa. Como em muitos livros escritos em coautoria, a liberdade para demarcar nomes, indicar quem escreveu o que, é infindável: letras iniciais, índices indicativos, mistura sem indicação, dissolução total, assinatura

<sup>16</sup> Mesmo que a explicação ocorra de maneira pragmática, talvez pela necessidade editorial, friso que a tal editora é, antes de tudo, um campo de liberdade, uma “plataforma experimental de publicações de artista pensada, gerida e editada por Gabi Bresola’, como consta no site.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.fotolibrorodante.com.ar/fotolibros-editoriales/otros-paises/brasil/editora-editora/desde-o-meio-de-uma-lingua-de-daniela-avelar-e-patricia-galelli> Acesso em 17 jul.2024.

<sup>18</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CViVZ8WL23B/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CViVZ8WL23B/?img_index=1) Acesso em 17 jul. 2024.

individual com nome completo a cada mudança de voz, páginas pares e ímpares em divisão, cores para cada um/a, dentre outros tantos recursos linguísticos e gráficos. As autoras apostam, portanto, em pequenos rastros: tempo, espaço, evocação da outra, o que a prosa poética também acaba localizando, mas que, muitas vezes, embaralha nosso olhar nessas duplas funções autorais ali presente. Assim vamos viajando na leve reivindicação autoral para as palavras. Temos o subjetivo (não essencialista, mas em processo contínuo de ser) e o intersubjetivo, assim, evidenciados no aspecto gráfico, mistura (para a leitora) sem diluição total, manutenção da diferença da distância, espaço da palavra alheia que cai, também, como em muitos livros-diálogo, conformados por e-mail, carta, enfim, troca, escritos pensando ou não na publicação, mas editados, sim, para tornar-se uma conversa pública.

A casa é transitória para ambas e, no livro, temos um espaço de habitação privado-público, pois há lugares ocupados na ausência uma da outra, duplos já indicados: “desde que cheguei, quis te escrever todos os dias: ainda não contei toda as quinas, tenho ficado intrigada com as dobras. tenho percebido alguns duplos./ : é a minha casa que está vazia na sua ausência/ : a letra D do seu nome é o desenho da cabeça P do meu nome” (Avelar; Galelli, 2021, n.p) ou em “escrevo sua ausência porque as dobras da sua casa me dizem você”. Aqui, entre o que surge da distância e na proximidade que a palavra imprime, há singularidades e compartilhamentos, letra em possibilidades múltiplas. Como “resposta” a dobra é retomada: “pensar a dobra como essa coisa que se sobrepõe a outra que já estava ali antes me assombra o tempo todo. Inclusive assombro é uma das palavras em que deveria prestar mais atenção. Assim, posso resumir meus dias aqui. Por isso, não consigo escrever nada ainda. Só percebo” (Avelar; Galelli, 2021, n.p). Temos diálogo, uma dobra da palavra alheia, distância, constância (espaciada, formalizada no discurso entrecortado, sem parágrafo justificado, escritas da relação consigo para si e a outra), deslocamento, silêncio e compartilhamento privado-público. Como nos lembra Butler “(...) la política ya no se define como actividad exclusiva da esfera pública y ajena de la esfera privada, sino que se cruza esa línea una y otra vez” (Butler, 2012, n.p) ao reler o “público” proposto por Hannah Arendt.

Este exercício de si na relação com a outra, experenciada na escrita, está presente em outros momentos: “nos primeiros dias da nossa correspondência achei que eu fosse querer pensar mais sobre o fuso” (Avelar; Galelli, 2021, n.p). A amizade, aqui experenciada na fala livre e descompromissada do cotidiano, direta ou metafórica, de

quem sabe que escreve e será recebida, lida, mas que não sabe que resposta retornará (programa vazio), está presente também na rememoração, metonimicamente na térmica de café, no prazer mútuo de compartilhar: “o amor é uma garrafa térmica cheia” (Avelar, Galelli, 2021, n.p). Pergunta-se, enfim, sobre a medida do incomensurável, mas experenciado à mesa, no tempo trivial do acontecimento cotidiano, repetido, mas sempre diferente que é tomar café da manhã:

“também teuento tudo isso pois penso que nossa amizade aconteceu durante o café da manhã. não em um dia específico, mas na sobreposição de repetições dessa mesma dinâmica: eu acordando na tua casa, enchendo uma garrafa de café. muitas vezes foi preciso encher outra garrafa para ficar conversando. ou seja, a medida de tempo mínima para um bom café da manhã é uma garrafa térmica cheia. / talvez a gente possa usar isso como medida para o amor, o que você acha?” (Avelar; Galelli, 2021, n.p)

## Algumas considerações

Prazer mútuo, espaço individual em xícaras separadas e público uma térmica de café que une, media palavras, media experiências. Como podemos, mesmo que prontamente, mostrar, algumas formas de vida (troca de e-mails entre amigas) trazem consigo a noção de *programa vazio*, e a coautoria, tal qual a amizade, trariam consigo esta relação informe, relativa à experimentação, à liberdade e na diferença (linguagem, assuntos, estilos, lugares, temperaturas etc.). Apesar de uma audição rápida, limitada pelo formato acadêmico deste texto, no livro em questão, a amizade e coautoria seriam lugar de alteridade direta, pois subjetiva e intersubjetiva, sem chance de acontecer apenas no âmbito privado. Em um diálogo que é feito de pausas e constituição de si, a diferença e o cuidado mútuo entre estas duas mulheres fazem parte da entrega afetiva que permeia o texto, vindo “perturbar a ordem dos discursos” (Vincent-Buffault, 1996, p.100): discursos da teoria da literatura, discursos sobre a autoria e sobre a amizade entre mulheres.

## Referências

AHMED, Sarah. **Viver uma vida feminista**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, Sheyla Miranda, Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995.

AVELAR, Daniela; GALELLI, Patrícia. **Desde o meio de uma língua.** Florianópolis: Editora Editora, 2021.

BUTLER, Judith (2012). "Cuerpos en alianza y la política de la calle", en **Revista Trasversales**, n. 26 jun. 2012. Disponível: <http://www.trasversales.net/t26jb.htm>. Acesso em 17 jul. 2024.

DERRIDA, Jacques. **Politiques de l'amitié.** Paris: Galilée, 1997.

FEDERICI, Silvia. **A história oculta da fofoca:** mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da verdade:** O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

IONTA, Marilda. As mulheres e os discursos da amizade. **Labrys: estudos feministas**, Florianópolis, v.9, s/fasc., s/pág., 2006. Disponível em <https://www.labrys.net.br/labrys9/libre/marilda.htm> Acesso em 17 jul. 2024.

LEONE, Luciana Di. Mujeres que escriben, mujeres que hablan, mujeres que se escuchan: un horizonte colectivo para la poesía brasileña contemporánea. **Materia frágil: Poéticas para el siglo xxi en América Latina y España.** Erika Martínez (ed.) Iberoamericana. Vervuert, 2020.

ORTEGA, F. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

ORTEGA, F. **Para uma política da amizade.** Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. 1996. **Da amizade. Uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX.** Rio de Janeiro: Zahar.

**Data de submissão: 08/03/2025  
Data de aceite: 19/09/2025**